

Resenha

Peter Kingsley. *In the Dark Places of Wisdom*. Inverness [California]: Golden Sufi Center, 1999. 255 páginas.

Edrisi Fernandes*

Fazer uma resenha do último livro de Peter Kingsley é uma tarefa prazerosa, no entanto difícil: Jacob Needleman já disse que "absorver o que esse livro diz é encontrar uma visão completamente nova do mundo antigo que repousa na raiz de nossa própria civilização. Exatamente ali, aos nossos próprios pés, repousa uma tradição esquecida que tem o poder de transformar todas as nossas visões sobre nossa cultura e nossa vida" (da capa do livro). Que tradição esquecida é essa que constitui um dos "lugares escuros da sabedoria" e que pode mudar radicalmente nossa maneira de ver e sentir o impacto da tradição clássica sobre nossas vidas? Peter Kingsley, professor honorário de Humanidades na Universidade Simon Fraser (Colúmbia Britânica, Canadá), ex-Fellow do tradicional Instituto Warburg, de Londres, e autor do aclamado livro *Ancient Philosophy, Mystery and Magic: Empedocles and Pythagorean Tradition* (Oxford: Clarendon Press, 1995), se propõe a nos revelar o que é que um conjunto de inscrições gregas em mármore encontradas em Velia (no sul da Itália) em 1958-62 tem a nos dizer acerca da tradição de um povo que, dentro de uma concepção filosófica e mística indissociável da vida prática, de certo modo influenciou o curso da evolução da filosofia, da mística e da medicina ocidentais.

Kingsley escreve com maestria um livro que parece um romance de suspense, reservando um apêndice para a vasta e erudita bibliografia habilmente camuflada no texto. A mais importante das inscrições achadas em Velia era, como as demais, a legenda da base de um busto (depois encontrado): "*Parmeneidês pyrêtos ouliadês physikos*" - Parmênides, filho de Pyres, "*oulis*" (curandeiro/ "integralizador") [e] fisicista (filósofo da natureza/físico/médico). Para apreendermos o significado é as implicações do conjunto de inscrições de Velia, precisamos retroceder até c. 540 a.C, quando os fócidas (habitantes de Phocaea na costa da Anatólia), premidos pela expansão persa, migraram para a Córsega e depois para Velia (Eléia). Precisamos também aceitar que o Parmênides da inscrição de Velia é o mesmo que Jean François Mattei (referindo-se

* Licenciado em Filosofia; Especialista e Mestrando em Filosofia Metafísica; Médico; Mestre em Pesquisa Médica e Farmacêutica Avançada.

ao Sofista, 237a5), em *L'Ordre du Monde* (Paris: P.U.F., 1989), chamou de "pai de todos nós".

Kingsley assume que "há um homem que influenciou o mundo ocidental de um modo como nenhum outro o fez. Ele permanece jacente sob nossos pensamentos, sob todas as nossas idéias e teorias. E o mundo ao qual ele pertenceu também repousa ali: um mundo feminino de incrível beleza, profundidade, poder e sabedoria, um mundo tão perto de nós que esquecemos onde encontra-lo" (p. 36). Esse homem parece ter nascido no ano em que os fócidas chegaram a Velia, ou não muito depois disso (c. 520-515 a.C.). Seu nome era Parmênides, e sua verdadeira pessoa é um enigma para nós, em virtude da apropriação intelectual parricida que dele fez Platão (Kingsley, p. 44, à moda de Harold Bloom em *A Angústia da Influência*). Auguste Diés (Platão, *Sophiste*, Paris: Les Belles Lettres, 1950, p. 274) e a maioria dos comentadores interpretam a passagem "parricida" do Sofista (241c-242c) como significando a refutação e superação da concepção parmenídica do Ser, mas Monique Dixsaut (in: *Études sur Parménide*", v. 2, Paris: Vrin, 1987; p. 222) é de opinião que a palavra *mytho/logika* de Parmênides, para poder se interrogar sobre o que pretende dizer, está "próxima demais daquilo que diz", razão pela qual Platão, através do lógos dialético, pretende "abrir" o lógos parmenídico (que via como "miticamente fechado sobre si"), conferindo ao discurso a possibilidade de distanciar-se e diferenciar-se do ser (M. P. Marques, *O Caminho Poético de Parmênides*, São Paulo: Loyola, 1990; p. 16).

O que Platão teria verdadeiramente sacrificado ao "matar" o verdadeiro Parmênides? Kingsley insinua que a primeira coisa foi uma certa visão feminina do mundo: no poema parmenídico, "cada pessoa que Parmênides encontra é uma mulher ou uma moça. Até os animais são fêmeas, e ele é instruído por uma deusa" (p. 49). Robert Graves (em *The White Goddess*) já teve a oportunidade de discorrer sobre a traumática transição do matriarcalismo para o patriarcalismo na região do Mediterrâneo. A segunda coisa sacrificada por Platão teria sido um ensinamento "originalmente destinado a envolver todas as fibras do ser", mas que teria sido progressivamente transformado "numa lógica estéril que é boa apenas para complicar e torturar nossas mentes" (Kingsley, p. 197). Finalmente, Platão teria sacrificado uma tradição inaugurada por Parmênides-que, tal como um *hêrôs ktistês* (herói fundador), teria principiado uma linhagem de fisicistas (que eram simultaneamente uma espécie de "terapeutas holísticos") que se estenderia em Velia por mais de 500 anos, como parece sugerir o conjunto de inscrições encontradas

no local. No seu intento de dar nascimento ao que imaginava que devia ser a filosofia, Platão propositadamente suprimiu de seu sistema a contribuição parmenídica, que poderia ter encaminhado o ocidente no rumo de um pensamento mais sapiencial (menos racionalizador), mais assimilador de contrastes (menos polarizador), mais atemporal (ahistórico), defensor da concepção "mística" de que "tudo está em contato com tudo, e nada jamais se perde" (p. 76), de que "tudo está vivo, e morte é apenas um nome para algo que não entendemos" (p. 164).

A crítica de Kingsley a Platão tem em mente o que um nietzscheano poderia chamar de a "socratização" excessiva do pensamento, o que equivaleria a um "proto-aristotelismo" que teria perdido de vista a noção de que a plenitude da vida é muito mais do que a *eudaimonia*. Kingsley escreve que "séculos foram consumidos na destruição da verdade sobre o que a filosofia um dia foi. Temos olhos apenas para o que a filosofia se tornou - e nenhuma idéia do que ela não é mais" (p. 31), e que poderíamos falar sobre muitas outras coisas: sobre como foi criado um retrato de pessoas na história da filosofia grega mais antiga "que não guarda similaridade com a realidade, sobre como elas foram remodeladas e racionalizadas para alinhá-las com os interesses de nosso tempo. Poderíamos falar sobre o quão profundamente essas pessoas foram mal-compreendidas mediante o fracasso de tomarmos em conta a proximidade dos laços com tradições do Oriente-tradições que mal começaram a ser levadas a sério. E poderíamos falar sobre como o flagelo ocidental de nos acreditarmos superiores a outras civilizações emergiu da necessidade de compensação pelo nosso imenso débito em relação ao Oriente, Poderíamos também falar sobre como alguns dos chamados 'filósofos' eram magos. E falaremos" (pp. 37-8).

O capítulo que trata dos "mestres dos sonhos" (pp. 77-86) trata dos *phôlarkhoi* de Velia, seguidores de uma antiga tradição anatólica que envolvia estados de "animação suspensa" (*phôleutria* ou *hêsychia*) em lugares escuros (o primeiro dos significados de "dark places of wisdom") onde, através da aquisição da habilidade de se encarar a morte, assimilava-se simultaneamente a capacidade de conhecer e alargar os limites da capacidade curativa, e de expandir a capacidade cognitiva para além dos limites da razão, em uma outra dimensão "onde o silêncio é a linguagem" (p. 95)-o que nos faz recordar as palavras de Farid ud-Din Attar: "Minha fala é sem palavras, sem língua, sem ruído / Há que entendê-la sem inteligência e ouvi-la sem ouvidos".

Kingsley sugere uma afinidade ideológica de Parmênides com Empédocles (p. 206) e ainda com Epimênides e Pitágoras (p. 102)-os

quatro teriam sido *iatromanteis*, curadores-profetas com uma difícil missão: "até onde eles se preocuparam, as coisas das quais precisamos ser curados são freqüentemente coisas de que nem sequer estamos conscientes, e o conhecimento que pensamos ter sobre o que é certo para nós, ou sobre o que há de errado conosco, é parte da ignorância da qual precisamos ser curados" (p. 109). A missão dos *iatromanteis* seria a de conduzir os seus discípulos/pacientes até a verdadeira consciência, que seria "aquilo que segura tudo junto e não muda. Uma vez que você tenha experimentado essa consciência, você sabe que ela não equivale nem a estar acordado nem a estar dormindo, nem a estar vivo nem a estar morto, mas a estar em casa não apenas nesse mundo dos sentidos, mas igualmente numa outra realidade" (p. 111; os domínios dessa "outra realidade" constituem o segundo dos significados de "*dark places of wisdom*"). Kingsley sugere que o que Parmênides entendia como verdadeira consciência tornou-se conhecido, nas tradições do yoga da Índia, como *samâdhi* (p. 115)-uma palavra que em sânscrito significa literalmente "estabelecer; tornar firme", e que viria a adquirir o significado de um estado não-dualístico da consciência em que o "sujeito" consciente experimenta uma comunhão com o "objeto" consciencial.

Logo no início do seu poema - antes mesmo de alcançar a Deusa e de receber o conhecimento que ela tem para lhe dar -, Parmênides (Diels-Kranz 28 B 1) descreve a si mesmo como um "homem que sabe". No Rigveda (7.87.4) encontramos um paralelismo indo-europeu altamente revelador: o poeta profeta se diz "sábio" (*medhira*) antes de Varuna (o Deus védico "soberano", guardião das leis cósmicas e da moral, o aspecto mágico-especulativo da divindade) lhe falar, e torna-se "poeta inspirado" (*vípra*) após a intervenção da Divindade; se diz "velho" em relação à geração posterior, com uma clara função didática de transmitir a tradição (cf. o japonês *sensei*, "mestre", lit. "aquele que nasceu antes"). Apesar de inato, o entendimento, latente/secreto (*guhya*), só pode ser conhecido por aqueles que passarem, a saber, através do aprendizado (Rigveda 4.5.8.; cf. tb. o "*Pratisakhya do Rigveda*", trad. alemã de 1856 por Max Müller, e ainda o texto dos *Grihya e Dharmasutras*).

Kingsley é de opinião que "há uma coisa que torna o conhecimento desses filósofos antigos [os *ouliadês/fisicistas*] tão difícil de apreender e revestir de significado é o fato de que esse conhecimento não se originava no pensamento ou no raciocínio: ele vinha da experiência de outros estados da consciência" (p. 144). Conforme Kingsley, a palavra Filosofia, desviando-se do sentido de amor à sabedoria (p. 196), "veio a significar discussão, tentativa de usar a mente para atingir o significado

com a ajuda de palavras e na verdade nunca realmente tendo sucesso. Mas no tempo de Parmênides as coisas eram diferentes: então, as palavras de um filósofo eram palavras de poder. Elas não eram palavras em busca de significado, mas palavras que continham seu próprio significado dentro delas" (p. 120). As palavras empregadas pelos físicos-xamãs ao entrarem no estado de samâdhi evocam as coisas sobre o que falam. Os poemas que eles cantam não apenas descrevem suas jornadas, eles é que fazem a jornada acontecer (p. 123).

A palavra *mytho/logika* dos ouliadês *physikoi* teria o propósito de nos transportar para além das aparências, de nos fazer "começar a tocar os ossos desnudos da existência, a descobrir uma nova realidade por trás das cenas [da vida]", após o que "não se pode tomar nada mais pelo seu valor aparente: começa-se a ver os princípios subjacentes aos eventos, os padrões básicos que se mantêm repetindo dia após dia, e a repetição começa a mostrar-se em tudo. Ao invés das aparências serem um obstáculo, elas ajudam-nos em nossa jornada. E tudo começa a falar com a voz de nossos próprios anseios" (pp. 124-5).

Os *ouliadês* acreditavam que "antes que se possa curar [ou "integralizar"] alguém deve-se primeiro saber o que os homens e as mulheres são em sua natureza mais profunda - o que os seres humanos são desde o começo, e não apenas como eles reagem a esta ou aquela condição" (p. 143). O mestre, personificação de um mundo diferente (p. 156), seria "um ponto de acesso a algo por trás do professor" (p. 157). Em suas mãos, o discípulo/paciente "morreria para tudo o que fosse, para tudo aquilo a que aprendeu a se apegar como se fosse a sua própria existência" (p. 156), e "renasceria" como um *kouros*, uma criança, para o mundo que se oculta por trás das aparências.

Kingsley escreve que "é bom lembrar que, anos antes que as descobertas arqueológicas [de Velia] fossem feitas, aspectos do poema de Parmênides já estavam sendo explicados em termos de 'incubação' [ter acesso ao 'outro mundo' mediante a prática da 'animação suspensa'], xamanismo e práticas de iatromantes. Os novos achados de Velia apenas nos ajudam a preencher o arcabouço [...]. Há milhares de anos, as origens da filosofia ocidental foram sistemática e drasticamente separadas e dissociadas do tipo de práticas que aprendemos a tomar por 'mágicas'. O processo tem sido longo e determinado, e quase foi bem sucedido. Mas essas antigas conexões estão novamente pedindo para serem reconhecidas" (p. 170). Desde seu livro de maior sucesso, *Ancient Philosophy, Mystery and Magic*, Kingsley vem defendendo a tese de que a filosofia e a magia foram originalmente duas metades de um todo

indissociável, e que as ulteriores distinções entre "racional" e "não-racional" "são válidas a partir do limitado ponto de vista daquilo a que chamamos razão" (*In the Dark Places*, p. 171).

Ignorar ou minimizar a importância das inscrições de Velia e suas implicações equivaleria a "rejeitar todo o seu *background* Anatólio e a negar suas relações com o poema parmenídico, e isso é apenas o começo. Pois elas também estão ligadas com uma rede inteira de outras tradições sobre Parmênides e as pessoas próximas a ele, tradições que já foram conhecidas mas que foram encobertas ao longo das eras" (p. 172). Essas tradições têm em comum o preceito prático de que "o conhecimento que já se tem é inútil se não pudermos realmente vivenciá-lo, em nós e através de nós. De outra maneira, ele se torna um fardo que pode nos sobrecarregar ou nos destruir" (p. 191). Kingsley também acredita que as tradições gregas e cretenses dos *kouros* sobreviveram entre os persas com os *javânmarde* e entre os árabes com os *fatâ*, e que podem ser percebidas entre os Sufis e na mística persa com o que convida o leitor a reler as páginas 49-68 e 217-391 de seu livro *Ancient Philosophy, Mystery and Magic*, onde traça o percurso da filosofia grega antiga até o Oriente.

O último dos significados dos *dark places of wisdom* só aparece no último capítulo, onde Kingsley diz que, na história oficial da filosofia ocidental, "tudo foi largado (*stored away*) em depósitos escuros (*dark warehouses*), bem longe da vista e do alcance do público. Você poderia se sentir tentado a descrever o modo como Parmênides e as pessoas próximas a ele foram tratadas nos últimos dois mil anos como uma conspiração, uma conspiração de silêncio, e num sentido muito básico você estaria certo. Mas ao mesmo tempo todos esses dramas de má-representação (*misrepresentation*), maltrato (*misuse*) e abuso, nada são se comparados ao que foi feito com a parte central de seus ensinamentos, ou com os escritos de seus sucessores. E os dramas se esvanecem quase que à insignificância quando comparados ao extraordinário poder desses ensinamentos do modo como sobreviveram: um poder que está esperando para ser entendido e usado novamente (...). A história está longe de ser encerrada, e o livro que você terminou é apenas o começo: o primeiro capítulo" de uma história que pode estar dentro de outra, "uma história mais estranha que qualquer ficção, pois é nossa própria história" (da segunda capa do livro).

Se a interpretação de Kingsley é errada, não deixa, contudo, de ser válida, pois Parmênides nos ensina que, se bem que "...de tudo é reversível o caminho" (Parm., Diels-Kranz 28 B 6, 9; trad. José Cavalcante de Souza), o bom destino nos manda percorrer a via da instrução

integral, "do âmago inabalável da verdade bem redonda, e de opiniões de mortais, em que não há fé verdadeira" (Diels-Kranz 28 B 1, 29-30, trad. cit.), pois somente ao caminhar estaremos em condições de entender e vivenciar o significado da "fidedigna palavra (lógos)" (Diels-Kranz 28 B 8, 50). Por outro lado, que coisa melhor haveria para iluminar os "*dark places of wisdom*" do que um relato que tenta restaurar a força do logos do mito, sabendo-se, depois de Heidegger (in: Moira; Essais et Conférences [trad. francesa]. Paris: Gallimard; p. 300), que o "*mýthos* é um dizer (Sage), e dizer, por sua vez, é chamar e fazer brilhar"?